



Tancredo
Biografia

O primeiro herói, Tiradentes, foi esquartejado, seus restos espalhados por Minas. O segundo herói, Tancredo, voltou à sua terra consagrado pelo seu povo tranqüilo como o mártir da democracia.

Os heróis de São João

O esquife com o corpo do segundo herói de São João del Rey tocou a terra sagrada da liberdade exatamente às 8h45 de ontem, 193 anos depois que o primeiro herói da cidade foi enforcado no Rio de Janeiro.

O povo esperava carinhosamente o segundo herói, para velá-lo na mais conveniente cerimônia que a cidade já assistiu. Tão diferente do grotesco esquartejamento do herói primeiro, seus restos espalhados por toda Minas, a cabeça exposta em Vila Rica, hoje Ouro Preto.

A partir de ontem, ninguém mais, nesta cidade, deixará de identificar Tancredo em Tiradentes, mortos no mesmo carismático 21 de abril — um, mártir da democracia; outro, da liberdade, uma mesma causa.

Ontem, cedinho, São João del Rey estava toda preparada para receber o seu morto querido, e ninguém teve mesmo muita pressa, indo cedo para a rua, o que fez prever uma chegada tranqüila, ordeira, bem ao gosto do povo daqui. Previsão confirmada.

As 7h30 da manhã, com o esquife previsto para chegar uma hora depois, só se viam soldados postados nos morrotes ao longo da estrada de seis quilômetros que liga São João del Rey ao seu pequeno aeroporto. Tancredo afinal chegaria de avião militar — um Búfalo — porque dona Risoleta se negou a embarcar o marido morto em helicóptero. "Se Tancredo não gostava, não usava, não é agora que eu vou usar", teria dito ela, segundo alguns funcionários da Presidência da República. Assim, todo o esquema preparado para a descida de helicóptero foi cancelado, as redes de televisão obrigadas a trabalhar a noite inteira e a madrugada a fim de reorganizar tudo. Esperava-se o caos na chegada do esquife. Previsão desmentida. O segundo herói seria recebido com todo o carinho.

O primeiro herói nasceu aqui mesmo, em São João del Rey, na fazenda do Pombal, filho de pai português e mãe brasileira, tendo sido batizado a 12 de abril de 1721. Naquela época não se contava o dia de nascimento, só o do batismo. Joaquim da Silva Xavier tinha sete irmãos, três mulheres, e dos homens, dois padres. Joaquim herdou o trabalho braçal da fazenda da família, com a morte dos pais. Era uma família de posses: "35 escravos, casas de vivenda, matos virgens e capoeira, além de senzalas", como consta no inventário. O seu padrinho de batismo, Sebastião Ferreira Leitão, lhe ensinou a ler e escrever. Aos 25 anos, pediu ao rei sua emancipação. Justificou-se: "... porque está vivendo tratando de negócios de fazenda e tem capacidade para governar e administrar seus bens, como justificou perante o juiz de órfãos daquele distrito".

Em São João del Rey, ontem, a notícia oficial era de que havia 1.300 homens no policiamento, entre Exército e PM. Ninguém acreditou. E os incidentes de Belo Horizonte bem que justificavam o dobro de homens por aqui. No aeroporto, que se chama Castelo Branco, o carro blindado M-113 esperava a chegada do Búfalo com o corpo e a família. Os soldados, todos, vestiam seus uniformes de gala, com echarpe e luvas brancas. O primeiro aviãozinho a chegar — um Xingu — trouxe políticos mineiros, o secretário de Assuntos Especiais do governo de Minas, José Geraldo Ribeiro, e o secretário da Educação, Otávio Ellisio Alves de Brito. E daí, mais uma vez, os assessores da Presidência da República confirmaram

mudanças no esquema: dona Risoleta fazia questão que a família velasse o corpo do marido, ao menos por uma hora, no solar dos Neves. A previsão anterior apontava para um cortejo saindo do aeroporto e indo diretamente para a igreja de São Francisco.

E ao aeroporto foram chegando os parentes do presidente, devidamente identificados com um crachá ("Família Neves"): a irmã Zininha Neves, dona Mariana, a madre Esther, irmãs; a sobrinha Lucília Neves, socióloga, que apresentará brevemente, na UFMG, uma tese de mestrado sobre o tio. Dom Lucas Moreira Neves, primo, secretário da Congregação dos Bispos do Vaticano, também aparece, assim como o ministro Francisco Dornelles. Muito próximos aos familiares estavam o bispo de São João del Rey, dom Antônio Carlos Mesquita, e o ministro dos Assuntos Extraordinários, Mauro Salles. Mauro Salles, sempre solícito com a imprensa, avisa que a nível federal o velório terminou em Brasília; e a nível estadual em Belo Horizonte. Por isso, ninguém deveria esperar um número grande de autoridades, além do presidente Sarney e dos ministros-chefes das Casas Civil e Militar. Nenhuma delegação estrangeira estava relacionada. E disse também o ministro Mauro Salles que não haveria a menor possibilidade de um adiamento do enterro. Otávio Neves, o irmão mais velho de Tancredo, de 79 anos, não aparece no aeroporto. Preferiu ficar para velar o irmão no solar dos Neves. Está doente. Em novembro, operou-se de câncer nos intestinos. Há um respeitoso silêncio no aeroporto. As pessoas da família, muitos jovens inclusive, choram discretamente.

Já há um atraso para a hora prevista de chegada do Búfalo. São 8h45. Mas de repente o avião surge no céu, escoltado por dez jatos Tucano. O segundo herói da cidade se aproxima.

O primeiro herói estava emancipado e, além de cuidar da fazenda, resolveu percorrer a capitania como mascate. Já havia sido tropeiro, na primeira juventude, já conhecia os caminhos de Minas. E foi nessas andanças que a idéia da Inconfidência começou a despertar dentro dele. A corte portuguesa exagerava na sua cobiça. As minas de ouro entravam em decadência, os mineiros fugiam à procura de um trabalho mais digno. Os colonizadores não cuidavam de um mínimo de assistência social para as populações. Ao povo só cabia o pagamento de impostos. Não havia escolas. Todos se revoltavam. Joaquim José também. Certa vez, na Vila de Nossa Senhora do Jequitinhonha, ele viu um português açoitando um escravo. Reclamou. O português não o atendeu. Ele, que não era um homem violento, acabou dando uma surra no torturador. E acabou preso, também, por intrrometer-se com "assuntos de propriedade particular". Para livrar-se do processo, entregou suas mercadorias e animais de carga. Mas o fato o marcou. Nos seus planos de revolução, todos os mineiros, inclusive os escravos, seriam livres.

O segundo herói chega, finalmente, para descansar na sua terra natal. Repórteres estrangeiros — Newsweek, Time-Life, Washington Post — estão muito interessados na solução constitucional e nas condições políticas de José Sarney. Apertam o ministro Salles. "Quando ocorrerá a reunião ministerial?" Salles responde: "Já adiamos duas vezes, por causa da saúde do dr. Tancredo, mas não podemos mais adia-la".

O avião, depois de um sobrevoo de 15 minutos pela cidade, pousa na curta pista do aeroporto, 8h55. O Búfalo manobra e pára os motores ao lado de 12 soldados perfilados. Dona Risoleta, no seu luto elegantíssimo, desce amparada pelo governador Hélio Garcia. E surgem os outros: Inês Maria, filha do presidente, o neto Aécio, a neta Andréa, o filho Tancredo Augusto. Frei Beto e o porta-voz Antônio Brito também descem do avião, ao lado do general Carlos Tinoco, comandante da 4ª Divisão de Exército de Belo Horizonte. Os abraços entre os familiares que esperavam e dona Risoleta são extremamente longos, comovidos e carinhosos. Pela porta de trás do Búfalo começa a descer o esquife envolto na Bandeira Nacional. As 9h04 o cortejo se movimenta, com o esquife sobre o veículo blindado. E, logo na saída do aeroporto, na beira da estrada, um grupo de 200 pessoas espera a passagem do comboio, que além dos jipes e de dois caminhões militares carregando jornalistas, é acompanhado pelos carros da família. Esse pequeno grupo popular começa a aplaudir, no começo timidamente, depois com uma certa paixão. Algumas mulheres choram. Duas faixas, erguidas ali mesmo, dizem: "Ipatanga tem fé e esperança na Nova República" e "Fique com Deus, presidente".

Quando Joaquim José da Silva Xavier passou a fazer caridade, ficou mais conhecido pelo apelido. Ele possuía uma incrível habilidade de extrair e substituir dentes. Livrava as pessoas, sobretudo as mais pobres, de muitas dores. Quem lhe ensinou o ofício foi o mesmo que lhe ensinou a ler: o padrinho Sebastião Ferreira Leitão, cirurgião licenciado pela corte, homem de muito prestígio em São João del Rey. Em 1775, Tiradentes resolveu tentar a carreira militar e no dia 1º de setembro ingressou no posto de alferes. E, apesar de revoltado com a situação do povo, foi muito fiel à corte. Arriscou a vida na região de Mantiqueira, em luta contra bandidos que roubavam as caravanas que conduziam o ouro real. Em 1780 comandou um destacamento em Sete Lagoas e, um ano depois, o patrulhamento do caminho novo do Rio de Janeiro lhe foi confiado pela rainha Dona Maria I. Depois de preso, tempos depois, sua vida militar foi devassada. Não conseguiram acusá-lo de nada, como de certos crimes muito comuns na época entre os militares: desvio de dinheiro público e contrabando. Em 1789, já chegavam a Minas as notícias sobre a Revolução Francesa e a independência da América inglesa. Ao mesmo tempo, a capitania se inquietava com o lançamento da derrama: a dívida para o erário real, acumulada durante muitos anos, teria de ser paga brevemente. Mas como pagar impostos se as minas estavam secas de ouro? Tiradentes começou a pensar, mais profundamente, na independência.

O povo, pacificamente, vai olhando a passagem do cortejo fúnebre do segundo herói de São João del Rey. Enquanto helicópteros sobrevoam, o povo, de rosto passivo, triste, aqui e ali alguém que não controla o choro, vai jogando flores silvestres à passagem do blindado. É uma cena inesquecível. Velhos, homens e mulheres com filhos no colo, crianças, adolescentes, todos agitam alguma coisa nas mãos. Ou são flores, ou lenços brancos, bandeirinhas de papel, bandeiras de pano. Alguns batem palmas, outros dão adeus. Gente humilde, mui-

to humilde, a maioria. O blindado e os outros veículos vão esmagando os arranjos de flores que aquela gente desenhou no asfalto. De repente, um grupo mais jovem começa a gritar, correndo atrás do cortejo: "Tancredo, Tancredo."

Esse pequeno grupo vai ganhando adesões no momento de entrar na avenida 31 de Março, que desembocará diretamente na cidade. Alguns motoqueiros ensaiam o acompanhamento. O número de pessoas, dos dois lados da avenida, cresce cada vez mais. Já estamos chegando na cidade. As crianças, muito curiosas, tentam invadir a pista — está esta altura sem cordões de isolamento, cuidada somente por policiais militares — e são impedidos pelos pais, zangados. De qualquer forma, é impressionante a calma desse povo e a ordem com que se posta para dar adeus a Tancredo. Atrás do blindado, os gritos continuam:

"Rei, rei, rei, Tancredo é nosso rei".

"Viva Tancredo."

Algumas mulheres fazem o sinal-da-cruz e enxugam o rosto de lágrimas. Algumas mocinhas sorriem com a emoção de quem está vendo uma parada militar. Agora já estamos entrando na avenida Leite de Castro, perto do centro. O povo se acotovelava na pista. E, nas janelas, marquises, parapetos, famílias inteiras esperam a passagem do esquife para jogar-lhe flores coloridas — vermelhas, amarelas. "Tancredo, estamos com você", alguém escreveu no asfalto. "Tancredo presidente", grita a multidão — agora já é um a pequena multidão — que acompanha o cortejo.

Tiradentes cuidou, em primeiro lugar, de arregimentar adeptos. Pelo seu plano audacioso, tão logo o movimento eclodisse a capital do novo país ficaria em São João del Rey, e Ouro Preto ganharia uma universidade. Previam-se medidas para fomentar a produção agrícola e a mineração. A industrialização era um sonho que parecia próximo. Os tributos baixariam. A bandeira sonhada pelo alferes ostentaria o triângulo emblemático da Santíssima Trindade e a legenda Libertas que será também. Estavam envolvidos na Inconfidência poetas, militares, magistrados, fazendeiros, mineradores, sacerdotes e também pessoas humildes, a maioria trabalhadores das minas de ouro. Entre os inconfidentes também havia três delatores portugueses: o mais famoso, coronel Joaquim Silvério dos Reis, o tenente-coronel Basílio de Brito Malheiros do Lago e o mestre-de-campo Inácio Correia Pamplona. Joaquim Silvério dos Reis destacou-se pela sordidez da traição, sobretudo porque ele cobrou da Coroa o serviço que havia feito. Queria pagar suas dívidas, primeiro, e depois enriquecer. Gabava-se de ter sido o primeiro delator da Inconfidência. Era basicamente um corrupto, assim como o tenente-coronel Basílio. O mestre-de-campo Inácio Pamplona não pediu nada em troca por trair. O próprio visconde de Barbacena, ao denunciar a Inconfidência ao secretário da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, assim se refere a Joaquim Silvério dos Reis: "...ainda que o caráter do denunciante, tido por homem orgulhoso e de mau caráter..." Alguns inconfidentes negaram o movimento, outros denunciaram os amigos. O primeiro herói de São João del Rey suportou tudo e assumiu todas as culpas, inocentando os companheiros.

Agora, sim, o segundo herói está nas

mãos do seu povo. É a entrada triunfal em São João del Rey às 9h40 da manhã, quando uma ladainha, puxada por um grupo de senhoras, é superada pelos gritos de ordem, como "um, dois, três, quatro, cinco mil, Tancredo é o nosso presidente do Brasil".

No asfalto, São João del Rey escreveu, também: "Não merecemos isso". Um cheiro forte de flores esmagadas pelos carros militares toma a rua. As bandeiras e bandeirinhas são agitadas, com gritos. Há quanto tempo no Brasil a gente não via bandeiras nacionais agitadas espontaneamente, assim? "Ai, ai, ai, está chegando a hora...". Começam a cantar. Há crianças alegres, mulheres chorando, gente vestida de cores da Pátria. Pombos voando carregando tiras verde-amarelas. Palmas. "O povo unido jamais será vencido", e um outro coro: "Viva Minas Gerais; viva o patrono da República". Dois homens, correndo, carregam uma faixa: "Rosário-MT traz o seu adeus". Agora já entramos na região onde há cordões de isolamento. E a manifestação acontece como se tivesse sido ensaiada. Uma consagração na altura da praça Ruy Barbosa, a velha Maria-Fumaça, na estação ali ao lado, solta o seu apito melancólico. E quando se ouvem os primeiros gritos de "viva dona Risoleta". Os operários fardados (da Lamar Engenharia) carregam sua faixa: "Tancredo, sua luta não foi em vão". Chuva de papéis picados caindo de prédios modernos e de prédios coloniais. As pessoas, é claro, estão tristes, mas isto aqui transformou-se numa manifestação política. Uma prova de que o segundo herói de São João del Rey transcendeu.

Na prisão da Ilha das Cobras nunca se separou dos seus instrumentos de extrair e de fabricar dentes. Pedia aos seus interrogadores e torturadores que só ele fosse punido pela revolução. A sentença:

"Portanto, condenam o réu, Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha de Tiradentes, alferes que foi da tropa paga da capitania de Minas, a que com vara e pregão seja conduzido pelas ruas públicas ao lugar de força, e nela morra morte natural para sempre e que depois de morto lhe seja cortada a cabeça e legada à Vila Rica, onde em lugar mais público seja pregada em um poste alto até que o tempo a consuma; o seu corpo será dividido em quatro quartos e pregado em postes pelo caminho de Minas, no sítio da Varginha e de Sebolos, e os mais sítios de maigres povoações, até que o tempo também os consuma. Declaramos o réu infame, e infames seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens aplicam para o fisco e a Câmara Real, e a casa em que vivia em Vila Rica será arrasada e salgada, e que nunca mais no chão se edifique e não sendo próprias, serão avaliadas e pagas ao seu dono pelos bens confiscados e confiscados, e no mesmo chão se levantará um padrão pelo qual se conserve em memória a infâmia deste abominável réu".

O cortejo fúnebre do segundo herói de São João del Rey está chegando à sua casa: o solar dos Neves, ao lado da igreja do Rosário, onde os sinos repicam e o povo grita e canta o Hino Nacional. Daqui ele sairá para a igreja de São Francisco de Assis e dela para a cerimônia do enterro, no pequeno cemitério nos fundos da igreja. Ao mesmo, o segundo herói de São João del Rey receberá a graça cristã de voltar, íntegro, à terra, à sua terra.

Fernando Portela